ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 40 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I40.17876

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 40 (2023) | e-issn: 1679-768x

ENTREVISTA

Entrevista com Maria Encarnação Beltrão Sposito

KELLY BESSA
Universidade Federal do Tocantins – UFT – Porto Nacional

Foto 1 – Maria Encarnação Beltrão Sposito



Maria Encarnação Beltrão Sposito, para os mais próximos “Carminha”, é geógrafa de formação (1977), pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente. Nesta universidade recebeu, em 2022, o 1º Prêmio Mulheres Pesquisadoras da Unesp – Ciências Humanas Sênior (Foto 2). Em 2023, passou a integrar a Academia Real de Ciências de Lisboa (Portugal), pelo conjunto das contribuições acadêmico-científicas na Geografia, especialmente na Geografia Urbana, com temáticas que tratam da cidade e da urbanização contemporânea.

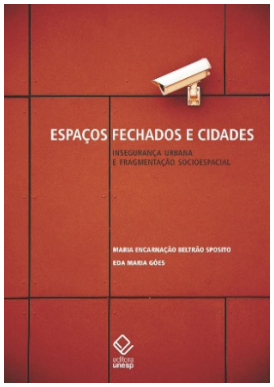
Nesta área, suas reflexões têm orientado o pensamento geográfico de maneira crítica e criativa, o que fica evidente no título de sua dissertação de mestrado, *O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana* (1984), defendida na Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Rio Claro, bem como de sua tese de doutorado *O chão arranha o céu: a lógica da reprodução monopolista da cidade* (1991), defendida na Universidade de São Paulo (USP), e da tese *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo* (2005), referente à sua livre docência, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente. Entre suas premiações, consta o Prêmio Ana Clara Torres Ribeiro de Livros, que recebeu com Eda Maria Góes, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur), 2015 (Figura 1).

Foto 2 – 1º Prêmio Mulheres Pesquisadoras da Unesp – Ciências Humanas Sênior



Disponível em: https://www.imparcial.com.br/noticias/professora-da-unesp-de-prudente-recebe-premio-inedito,55482. Acesso em: 26 mar. 2023.

Figura 1 – Livro intitulado Espaços fechados e cidades, de Maria Encarnação Beltrão Sposito e Eda Maria Góes, que recebeu o Prêmio Ana Clara Torres Ribeiro de Livros, da Anpur, em 2015



Docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente, desde 1980, onde é, atualmente, professora titular, por meio de concurso realizado em 2012 (Foto 3), atuando na formação de geógrafos e de pesquisadores de áreas afins, tanto na graduação como na pós-graduação em Geografia, com várias orientações discentes (iniciação científica, monografia, mestrado e doutorado) e supervisões de pós-doutorado, e com participação em diversas bancas examinadoras e de seleção, bem como em várias outras atividades, incluindo as de coordenação de projetos de pesquisa e de extensão, além de atividades de gestão e administração, como coordenações, conselhos, comissões, comitês, entre outras.

Foto 3 – Concurso para professora titular do Departamento de Geografia da Unesp, *campus* de Presidente Prudente, em 2012. Banca da direita para a esquerda: Ana Fani Alessandri Carlos, Pedro de Almeida Vasconcelos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, João Lima Sant'Anna Neto e José Aldemir de Oliveira



Nessa universidade, atua ativamente no Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), criado em 1993, completando, portanto, trinta anos em 2023, e na Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), criada em 2006. Ambos são devidamente certificados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O trabalho em equipe é uma característica da sua caminhada acadêmica, pois, com competência e, para muitos, com vigor, a professora Maria Encarnação Beltrão Sposito coordena grandes equipes de pesquisadores, a exemplo do projeto *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas (FragUrb)*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Programa Print da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Acerca das cidades médias, desenvolve um sólido constructo teórico, analítico e metodológico, ancorado na dimensão real, tanto na escala do espaço urbano como na escala da rede urbana, que leva em consideração os principais agentes sociais, com suas práticas espaciais englobando, juntamente com as cidades médias, ou intermediárias, as pequenas cidades, sobretudo no Brasil, mas também no contexto do "mundo globalizado" (Sposito, 2009).[1] A temática da fragmentação socioespacial é mais recente e aponta para uma perspectiva interpretativa inédita, pois parte do pressuposto de que "a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo os sentidos do direito à cidade" (Fragmentação..., 2018, n. p.),[2] convidando a problematizar os processos geográficos na cidade capitalista contemporânea.

1 SPOSITO, M. E. B. Globalização, consumo e papéis intermediários de cidades médias no Brasil. *In*: SANFELIU, C. B.; SPOSITO, M. E. B. (org.). *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado*. Lleída: Edicions de la Universitat de Lleída, 2009. p. 41-69.

2 *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira:* escalas, vetores, ritmos e formas FragUrb. 2018. Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/101582/fragmentacao-socioespacial-e-urbanizacao-brasileira-escalas-vetores-ritmos-e-formas-fragurb/. Acesso em: 9 jun. 2023.

Para mais, atua no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1A. Participa do conselho científico e do corpo editorial, atuando também como revisora de muitos periódicos científicos no Brasil e no exterior.

Em sua trajetória, desenvolveu e segue desenvolvendo várias atividades acadêmico-científicas em um conjunto de outras universidades brasileiras e internacionais, especialmente na França, onde realizou seu pós-doutoramento pela Université Paris I – Sorbonne – Panthéon (1994-1996), e também em Portugal, na Espanha e em países da América Latina. Entre essas atividades, destaca-se a participação em diversas bancas examinadoras, incluindo a minha banca de defesa de dissertação de mestrado, em 2001, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEO-UFU), assim como em inúmeros eventos científicos, em alguns trabalhando na organização, com apresentação e divulgação das pesquisas desenvolvidas, principalmente em mesas-redondas, palestras e conferências. No Brasil, destaco sua participação no 3º Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), realizado em 1978, em Fortaleza, evento que se tornou notável pelo intenso debate e repercussões na Geografia brasileira; no I Simpósio de Geografia Urbana, realizado em 1989, em São Paulo, evento que prioriza o debate geográfico sobre a cidade, o urbano e a urbanização, tanto no plano teórico como no empírico; no I Simpósio Internacional Cidades Médias, realizado em 2005, em Presidente Prudente, evento que, nos debates da Geografia Urbana, prioriza as cidades médias e as pequenas cidades; em vários outros eventos onde sua participação e instigante contribuição se tornaram regulares e profícuas.

É autora de uma vasta produção acadêmica, que reflete seu compromisso com a análise espacial e com a divulgação do conhecimento geográfico. Até o momento, são 28 livros publicados como autora, coautora ou organizadora (Figura 2), sendo que cinco foram publicados no exterior, além de um número muito expressivo de capítulos de livros e de artigos publicados, individual ou conjuntamente, em periódicos no Brasil e no exterior, bem como outras produções bibliográficas e técnicas.

Trata-se, portanto, de atividades acadêmico-científicas e de envolvimento pessoal, em um estilo competente e elegante, que fazem parte, há mais de quarenta anos, da sequência dos acontecimentos da Geografia brasileira, enriquecendo-a com argumentos inteligentes, criativos e generosos. É uma trajetória acadêmica e pessoal bastante estimulante, que fica bem mais interessante nas próprias palavras da professora...

Figura 2 – Alguns livros publicados por Maria Encarnação Beltrão Sposito, como autora e/ou organizadora, individualmente ou em conjunto com outros autores



Kelly Bessa (KB): Para iniciar, fale-nos dos lugares do seu nascimento e da sua infância e adolescência: onde nasceu e viveu até seu ingresso na universidade? Como foi o aprendizado de Geografia na sua educação básica?

Maria Encarnação Beltrão Sposito (MEBS): Nasci e cresci em São Paulo, onde realizei os antigos cursos Jardim e Pré-Primário, Primário, Ginásio e parte do Colegial, tendo me mudado para Presidente Prudente com meus pais em 1972, ano em que concluí este último curso.

Meu aprendizado em Geografia e História foi muito estimulante. Quando comecei o Ginásio no Colégio Santa Amália, da Liga das Senhoras Católicas, fui aluna da Professora Eli que, muitos anos mais tarde, reencontrei na cerimônia de fundação do núcleo da Associação de Geógrafos Brasileiros, Presidente Prudente, acompanhando seu esposo, o professor José Ribeiro de Araújo Filho, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Ela era adorável e, com o livro do Aroldo de Azevedo em mãos, estimulava muito a nossa "imaginação geográfica", para adotar a expressão que ouvi pela primeira vez na conferência dada por David Harvey, em 1995, quando lhe foi outorgado o Prêmio Vautrin Lud, na França.

No entanto, minha aproximação com as Humanidades foi mais intensa quando passei para o Instituto Estadual de Educação Alberto Levy, num período em que estudar em escolas públicas, no ensino básico, era melhor do que nas escolas privadas. Para

passar do colégio católico para a escola pública tive que fazer um pequeno curso preparatório para concorrer com muitos estudantes para as duas vagas disponíveis para transferências. Ali, meus professores de História, Geografia e, mais tarde, de Sociologia e Filosofia, despertaram de vez minha sensibilidade para esse grande campo do conhecimento. A frequência à pequena biblioteca da escola, sob o controle da Dona Silvia e, a partir dos treze anos, a ida ao centro de São Paulo, de ônibus, para passar as tardes na Biblioteca Mário de Andrade, tiveram grande influência na minha formação.

Por vezes, suponho que gostava mais de Geografia pelas relações entre várias disciplinas e, especialmente, com a literatura, do que pela disciplina em si. Por sugestão da Dona Silvia e sempre trocando impressões sobre os livros com quem veio a se tornar minha maior amiga, Luiza Christov, eu li as coleções completas de Érico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Assim, comecei a passear pelas paisagens brasileiras...

Mais tarde, já na Mário de Andrade e por estímulo de meu primo Marco Antonio, comecei a me aproximar de Fernando Pessoa e meu pensamento começou a funcionar articulando escalas, afinal, para ele, o rio da aldeia era tão ou mais importante que o Tejo.

> O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
> Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
> Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.
>
> O Tejo tem grandes navios
> E navega nele ainda,
> Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
> A memória das naus.
>
> O Tejo desce de Espanha
> E o Tejo entra no mar em Portugal.
> Toda a gente sabe isso.
> Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
> E para onde ele vai
> E donde ele vem.
> E por isso, porque pertence a menos gente,
> É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
>
> Pelo Tejo vai-se para o mundo.
> Para além do Tejo há a América
> E a fortuna daqueles que a encontram.
> Ninguém nunca pensou no que há para além
> Do rio da minha aldeia.
>
> O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
> Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
>
> (Alberto Caeiro – heterônimo de Fernando Pessoa).

(KB): Esses lugares e aprendizados acima citados influenciaram a sua escolha de cursar Geografia? Conte-nos do seu interesse pela Geografia – por que decidiu fazer Geografia? Teve influência pessoal ou profissional de alguém, um parente, um/a amigo/a, um/a professor/a? Para mais, relate sobre a sua entrada no curso de Geografia. Quem eram os professores de referência? O que se estudava na época?

(MEBS): É bastante provável que os aprendizados e experiências da minha infância e adolescência tenham influenciado meu interesse pela Geografia, mas eu não tinha consciência sobre isso. Ela não era e não é uma área de prestígio social, razão pela qual, provavelmente levada pelas circunstâncias e, é claro, por certo interesse espacial que já estava imanente, prestei vestibular para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), ainda no tempo em que os vestibulares que não eram classificatórios, do que decorreu que fui aprovada, mas fiquei sem vaga, porque tantos outros obtiveram médias maiores, o que me deixou no grupo chamado de "os excedentes".

Meu pai, lendo o jornal, ficou sabendo que, com a comprovação de que tinha sido aprovada no vestibular da USP, mas estando como excedente, eu poderia pleitear vagas em outras instituições públicas e em outros cursos do grande campo das Humanidades e, assim, me estimulou a me matricular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, onde morávamos.

Entre as vagas disponíveis para "excedentes", lá estava a Geografia, que comecei a cursar no período da manhã, enquanto continuava a fazer o cursinho para me preparar para novo vestibular, visando a Arquitetura.

Em três meses, já estava capturada pelo curso, que tinha excelentes professores, e pelo ambiente político da faculdade, que, poucos anos mais tarde, veio a integrar a Universidade Estadual Paulista (Unesp). Entrei na Fafi, como era chamada, e me formei pela Unesp.

A cada ano, posso citar um professor de referência: Dióres Santos Abreu, no primeiro ano, professor de História; Marcio Antônio Teixeira, no segundo ano, ministrando Geografia Econômica; Armen Mamigonian, no terceiro ano, em Geografia Urbana; Thereza Marini, lecionando Didática no quarto ano. Eles eram sensacionais e cada um a seu modo, porque eram muito diferentes entre si.

Do ponto de vista da estrutura curricular, embora muitas reformas tenham sido feitas nos últimos quarenta anos, a organização da graduação em Geografia não era essencialmente diferente da que temos hoje, o que mostra como a universidade é conservadora por excelência, na minha opinião.

Do ponto de vista dos conteúdos e das relações entre estudantes e professores, as mudanças são grandes. Talvez a maior transformação esteja na construção de um ambiente de pesquisa que já existia para quem era orientando do Armen, mas se destinava a uma porcentagem pequena dos estudantes. Ficou na minha memória que, em 1977, na Fafi toda, havia duas estudantes com bolsas de iniciação científica – uma colega, Yolanda Shizue Aoki, e eu, que éramos orientandas dele. Hoje, na Faculdade de Ciências e Tecnologia (nome da unidade a que pertence a Geografia em Presidente Prudente), devemos estar na casa das centenas de bolsas, neste nível, de várias agências e da própria Unesp.

(KB): Como era o ambiente da universidade à época?

(MEBS): O ambiente da universidade era cheio de oportunidades de vida política. Fui Presidente do Centro de Estudos Pierre Deffontaines (Geografia), vice-presidente do Diretório Acadêmico 3 de Maio (que congregava os estudantes de todos os cursos da faculdade) e participei ativamente do Clube de Cinema e de outras iniciativas, como as promovidas por Armen, que sempre trazia professores da USP e da França para ministrar cursos de extensão.

Ainda no terceiro ano, por estímulo dele, meu orientador de iniciação científica, traduzi do francês para o português o texto de Milton Santos, que estava no exílio, intitulado *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*, publicado no Boletim Paulista de Geografia n. 54, de 1977 (disponível em: **https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092/949**). Um texto, sem dúvida, excepcional!

A vida política na universidade foi muito importante na construção de minha identidade e de meu compromisso com o que é público, ainda que me tenha trazido alguns transtornos no começo da vida profissional, porque fiquei fichada e não podia assumir concursos públicos em que era aprovada, até a Lei da Anistia ser assinada e abolir a exigência de Atestado de Antecedentes Políticos.

(KB): Na atualidade, como avalia a formação em Geografia, tanto no bacharelado como na licenciatura?

(MEBS): Na nossa unidade universitária (há mais duas Geografias na Unesp: a de Rio Claro, um pouco mais antiga que a nossa, e a de Ourinhos, bem mais jovem), a Licenciatura e o Bacharelado estão integrados. O acesso pelo vestibular é único e o estudante pode escolher por uma das habilitações (quatro anos de formação) ou pelas duas (cinco anos). Gosto deste formato.

Acho que deveria até haver maior integração com outras formações que temos na instituição, como Engenharia Ambiental, Engenharia Cartográfica, Arquitetura e Urbanismo, Estatística etc. Tenho defendido a ideia de uma formação mais plural, mais rizomática, mais interdisciplinar, sem perder de vista o que é essencial para a formação em Geografia, o que poderia contribuir para a construção de sujeitos mais abertos ao mundo contemporâneo. Ademais, com o mercado de trabalho pouco promissor e com queda na procura por vagas, não haveria qualquer problema de os estudantes ficarem mais anos na universidade pública, com tempo para fazerem escolhas mais conscientes e, se preferirem, para terem mais de uma formação profissional e, sobretudo, para a vida.

(KB): Na pós-graduação em Geografia, fale-nos da sua experiência como discente e, no presente, como docente.

(MEBS): Fiz minha pós-graduação em duas instituições diferentes. O Mestrado eu cursei na Unesp, *campus* de Rio Claro, e o Doutorado, no Programa de Geografia Humana da USP. Foi muito interessante porque, na década de 1980, eram duas escolas

de pensamento muito diferentes entre si. Em Rio Claro, deparei-me com a tendência à quantificação das informações e com grande valorização da representação cartográfica. Na USP, destacou-se muito mais o debate teórico. Senti essas diferenças, sobretudo, nas disciplinas e atividades complementares, porque do ponto de vista da minha pesquisa isso não ocorreu, uma vez que fui orientada pelo mesmo pesquisador nos dois programas.

Comecei o mestrado com o Professor Doutor Juergen Richard Langenbuch, a quem admirava muito e admiro, pelo grande conhecimento que tem da literatura sobre a pesquisa urbana, na escala nacional e internacional, e em função de sua tese de doutorado sobre a estruturação da Grande São Paulo. Considero-a uma obra primordial para compreender o processo de metropolização dessa complexa e enorme área urbana brasileira. No entanto, eu vinha da graduação em Geografia em Presidente Prudente, com perspectiva muito crítica, num período de ditadura, mas no qual já líamos Marx, Engels e Milton Santos (que estava no exílio e era praticamente "proibido" em alguns ambientes acadêmicos). Essa minha formação começou a aparecer nos seminários das disciplinas e fui chamada pelo coordenador do Programa, Professor Dr. Antonio Christofoletti, que me sugeriu que mudasse de orientador ou deixasse de fazer, como ele nomeou, uma "Geografia com ideologia". Senti-me sem chão embaixo dos pés, porque nem pretendia abandonar a Geografia de origem francesa, mas com perspectiva crítica, em que meu primeiro orientador, Armen Mamigonian, havia me iniciado, e nem vislumbrava como encontrar um orientador adequado no Programa de Rio Claro naquele momento.

Chateada com a encruzilhada que se apresentava diante de mim, já imaginava que teria que abandonar o mestrado em Rio Claro e tentar novamente na USP no ano seguinte, já que havia feito o processo seletivo com a Professora Dra. Léa Goldenstein, em 1980, e não havia sido selecionada.

Do nada, tomando um cafezinho na cantina, o colega de turma Cornélio (que depois se tornou professor da Universidade Federal do Mato Grosso [UFMT] e faleceu este ano) comentou que um professor novo havia sido contratado pelo departamento. Ele fez referência a um tal de "Ariosvaldo". Eu quase pulei da cadeira e corrigi – "Ariovaldo?". Foi assim que ambos fomos à sala do recém-chegado – Professor Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira – e fomos aceitos para sermos orientandos dele. Eu havia assistido, um ou dois anos antes, a defesa de doutorado do Ariovaldo, numa sessão memorável no anfiteatro do prédio da Geografia e da História na USP. A banca fazia referência à primeira tese efetivamente marxista na Geografia brasileira. Tinha ficado encantada com a firmeza com que ele respondia e o bom humor diante de alguns membros da banca não tão bem-humorados.

É possível imaginar o esforço que fiz para convencê-lo de que faria uma pesquisa em Geografia Urbana, quando ele preferia que eu tivesse feito em Agrária. Não é preciso também frisar o quanto foi excelente ser orientanda do Ari, alguém que sabe destacar seus pontos de vista muito claramente, mas que dá asas e autonomia aos seus orientandos, sempre com a indagação: "Você aguenta o debate para defender seu ponto de vista?"

Com essa experiência, quando ele se concursou na USP e retornou para São Paulo, eu tomei a decisão de não fazer o doutorado em Rio Claro, o que seria mais fácil,

porque o acesso a uma vaga era automático, e prestei a seleção no novo programa, visando manter a orientação.

A entrada na USP me abriu novos horizontes, mas eu já era, aliás desde o mestrado, professora em Presidente Prudente. Talvez não tenha vivido intensamente o ambiente da pós-graduação, porque não tínhamos afastamento integral, então, vários dessa geração compatibilizaram a pós-graduação com o trabalho, com as viagens semanais e, alguns de nós, com a maternidade e a paternidade.

Penso que fiz escolhas, mas também tive sorte. Tive dois orientadores – Armen e Ari – que são fortes teórica e metodologicamente, e ambos adoram o trabalho de campo, o pé no chão, as entrevistas, o contato constante com a realidade. Não me comparo a eles, de modo algum, o que seria pretensão, mas me orgulho de ter procurado honrar esse perfil de pesquisa: o que busca articular teoria, metodologia (por meio do método) e o olhar para a realidade em contínua transformação.

(KB): Do seu ponto de vista e considerando os atuais processos socioespaciais, quais são os principais desafios e tendências da pós-graduação em Geografia?

(MEBS): A pós-graduação atual é diferente daquela que conheci, pelo menos a pós do modo como está estruturada em Presidente Prudente, onde as linhas de pesquisa vinculam-se a grupos de pesquisa e vários deles a grandes projetos coletivos. Isso diminui a possibilidade de escolha temática dos candidatos, mas amplia o diálogo entre membros de uma equipe e favorece as grandes sínteses.

A quase totalidade dos estudantes é de bolsistas (em algumas turmas todos) que se dedicam integralmente ao mestrado ou ao doutorado. Pressionados pelos prazos da Capes, vários programas diminuíram o tempo máximo para conclusão e o nosso também, mas nunca aceitamos a ideia de 24 meses para o mestrado e 30 ou 36 para o doutorado, ou seja, fazer coincidir o tempo de bolsa ao de titulação, porque o amadurecimento das ideias no campo das Humanidades requer um pouco mais de tempo...

É fato que a Capes financia a pós-graduação e, como tal, tem suas políticas, diretrizes e busca redefinir estratégias e parâmetros, mas é fundamental ter claro que as decisões cabem a nós, no âmbito das nossas universidades, de modo que simplesmente atender de modo acrítico o que a agência de fomento procura induzir é, no mínimo, falta de responsabilidade intelectual, quando tais exigências passam à frente da qualidade dos resultados das pesquisas e da formação dos pós-graduandos.

(KB): Como qualifica o papel da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)?

(MEBS): Penso que a Anpege tem muitos papéis que podem vir a ser exercidos, além daqueles que já realiza, mas dois pontos me parecem fundamentais:

- haver esforço de desvincular o debate na Associação com a pauta imposta pela Capes, pois se esta é a agência que financia a pós-graduação, a nossa Associação deve propiciar o debate sobre linhas de pesquisa, articulações com a sociedade, relações entre as universidades etc. Passarmos grande parte do tempo das reuniões e plenárias discutindo se os conceitos Capes são justos ou não, ou, ainda, como fazer para aumentar as "notas" dos programas ou lutar contra a agência parece-me reduzir o debate ao rés do chão;

- discutir o futuro (ou não futuro) de determinados campos de pesquisa na Geografia, que vêm tendo cada vez menos interesse de pesquisa entre os mais jovens, em que pese serem importantíssimos para o futuro de um país na periferia do capitalismo. Parece-me fundamental que haja ampliação das pesquisas no campo da Geografia Cultural ou Social, que as microterritorialidades tenham ganhado luz, mas se isso ocorre em detrimento da diminuição muito grande da pesquisa em Geografia Econômica, ou com projetos que busquem fazer uma leitura mais ampla de Brasil, para dar exemplos, penso que devemos nos preocupar com isso.

(KB): Entre seus primeiros trabalhos consta a tradução, em 1977, do artigo "Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método", de autoria de Milton Santos, e, ao longo da sua produção bibliográfica, notamos grande preocupação teórica e metodológica. Nessa perspectiva, quais são suas principais influências teóricas e metodológicas? E como dimensiona a importância dos conceitos nas pesquisas geográficas?

(MEBS): Antes de ler esta pergunta, já havia tocado no trabalho desta tradução para responder à primeira formulada, como um modo de ilustrar como minha graduação foi rica em oportunidades, no que respeita ao debate de ideias. Os leitores desta entrevista podem imaginar o que foi, para mim, entre o segundo e o terceiro ano da graduação, ser instada a ler Milton Santos, um ícone da Geografia internacional, que era brasileiro e não morava, então, no Brasil.

Ter acesso à leitura deste texto, que traduzi a pedido do Professor Armen, foi como mergulhar "desde criança" nas águas turbulentas da relação entre teoria e método. Uma maravilha! Quase me afoguei, mas consegui respirar e fiquei sensível à necessária articulação que este artigo propunha.

À parte a enorme importância de meus dois orientadores, aos quais já fiz referência, a preocupação com o método, sua relação e sua distinção no que diz respeito à metodologia, também foi ampliada por ter me casado com Eliseu Savério Sposito, que não apenas gosta do tema, mas fez sua tese de Livre Docência nesta perspectiva. Assim, conversar sobre a tríade teoria-método-metodologia vem sendo, na minha vida, um assunto do trabalho e de casa. Isso não quer dizer que eu me sinta *expert* neste assunto que é, afinal, complexo e exige conhecimentos no campo da Filosofia, no qual precisaria ter me embrenhado mais.

Por outro lado, por ter tido oportunidade de coordenar algumas pesquisas de grande porte (com equipes multidisciplinares, de várias instituições e com colegas da iniciação científica ao pós-doutorado), tive que me esforçar para conquistar alguma clareza

sobre essa tríade e, mais do que isso, torná-la didática ao grupo envolvido com a investigação científica em curso.

Penso que as principais influências teóricas e metodológicas vêm do campo do marxismo, pelos orientadores que tive, pelas leituras que realizei. Talvez seja mais preciso afirmar que me filio a uma entre várias correntes marxianas do pensamento. No entanto, quando leio, depois de um tempo, o que escrevi, percebo claramente que há alguma influência estruturalista.

Do ponto de vista do método, nas pesquisas realizadas nos últimos doze anos, tenho me guiado pelas seguintes relações: a) qualidade e quantidade; b) formas e processos; c) articulação entre escalas geográficas; e d) espaço e tempo como categorias filosóficas, o que vai além destes conceitos na Geografia e na História.

(KB): Entre suas primeiras participações em eventos científicos consta o 3º Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), de 1978, realizado em Fortaleza. Como foi participar deste evento? Na sua trajetória, observamos grande envolvimento com os eventos acadêmicos, tanto locais e regionais como nacionais e internacionais. Na sua opinião, qual o papel dos eventos no debate geográfico atual?

(MEBS): Essa participação foi uma experiência memorável, por várias razões. Primeiramente, porque estudantes de Geografia não podiam participar de eventos apresentando trabalhos sem que os sócios da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) solicitassem autorização para tal, e foi isso que meu orientador de iniciação científica fez. Senti-me, assim, lisonjeada com essa possibilidade de expor os resultados de minha pesquisa. Em segundo lugar, guardo em minha memória a viagem até lá, feita com o ônibus da nossa instituição, o que me possibilitou apropriar-me, pela primeira vez, dos elementos constituintes de diferentes formações socioespaciais brasileiras, especialmente daquela constituída pelo Sertão, tão presente no meu imaginário em função de Graciliano Ramos. Chegando em Fortaleza, já me impressionou a extensão da área metropolitana, que hoje está muito maior e mais complexa.

A ansiedade de chegar ao ENG, que teve lugar na Universidade Federal do Ceará (UFC), não foi aplacada quando peguei em minhas mãos o programa e reparei que minha sessão de apresentação estava no mesmo dia e horário da mesa-redonda em que se apresentaria Milton Santos, que voltava ao Brasil, após o exílio. Não preciso contar a ninguém que na sala onde me apresentei estavam apenas meia dúzia de amigos, meu marido e meu orientador, que resolveu, após minha apresentação, para não deixar barato, fazer-me umas perguntas bem difíceis. Outros dois que deveriam se apresentar nesta sessão de comunicações livres não compareceram, de sorte que pudemos nos deslocar para o anfiteatro onde se apresentava a estrela do evento.

Anos mais tarde, numa mesa de restaurante, Maurício de Abreu contou que era ele, recém-doutorado nos EUA, que estava na mesa com Milton Santos, aspecto que não retive na minha memória sobre aquela tarde, mas que considerava mais um modo singelo de estabelecer relações positivas entre Maurício de Abreu, grande amigo, e eu.

De fato, a partir dessa primeira experiência, a participação em eventos científicos tornou-se para mim fundamental. Antes mesmo de chegar ao doutorado e de, bem mais tarde, ser convidada para compor mesas ou proferir palestras, participei ativamente desses encontros, muitas vezes, quando os salários eram menores (começo de carreira), financiando as passagens. São oportunidades ímpares de dialogarmos, de conhecermos as ideias e as pesquisas de outros.

Com grande frequência, até escolho a assistência a uma outra mesa da Geografia Física, em detrimento da Humana, ou de outras especialidades que não a Geografia Urbana, meu campo principal de trabalho. Isso me oferece a chance de acompanhar as transformações ocorridas em áreas de pesquisa, cuja literatura não consigo acompanhar.

Na última década, tenho escolhido, inclusive, comparecer a alguns eventos sem inscrever nenhum trabalho ou mesmo declinando os gentis convites que me são feitos para compor mesas, quando os temas não estão diretamente associados às minhas linhas de pesquisa. Tem sido um prazer apenas escutar e aprender, no lugar de falar e passar parte do evento preocupada em aperfeiçoar a apresentação a ser feita.

(KB): Como avalia o papel da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege) na promoção desses eventos?

(MEBS): O papel da Anpege na realização desses eventos tem sido muito relevante. Se ela surgiu, de algum modo, fazendo oposição à AGB e suas formas de organização de eventos, hoje as duas entidades estão mais próximas e desempenham papéis complementares.

Talvez esteja na hora de pensar formas novas de estruturação dos eventos, para que não haja tanta sobrecarga na programação. Se isso garante a exposição de trabalhos por todos, faz com que haja tantas sessões paralelas que, em algumas delas, aqueles que apresentam seus trabalhos o façam apenas para um pequeno grupo que já conhece aquelas ideias de outros ambientes. Penso que este tem sido um aspecto negativo dos Grupos de Trabalho – GTs – nos eventos: ficamos muito ensimesmados em nossas ideias e perspectivas analíticas.

(KB): Qual(quais) a(s) sua(s) maior(es) fonte(s) de encanto na Geografia? Fale-nos desse encantamento e de como compreende a sua própria contribuição na Geografia como docente e como pesquisadora. Poderia nos dizer se nas suas pesquisas há continuidade ou persistência de determinados temas e se houve rupturas e emergência de novas temáticas?

(MEBS): Durante muito tempo, teve vigência a ideia de que a Geografia é a ciência do presente, sendo atribuída à História a responsabilidade de desvendar o passado. Hoje, ainda bem, superamos essa dicotomia e sabemos a importância do tempo pretérito para se compreender o presente em sua dimensão espacial e para se imaginar, geograficamente, o futuro da Sociedade deste ponto de vista.

Sem dúvida, no entanto, o presente tem muita evidência nos estudos geográficos, o que não nos exime de cortar adequadamente o tempo, selecionando períodos e eventos (estes na perspectiva miltoniana) adequados aos objetos que tomamos como centrais em nossas pesquisas. É esta exigência de olhar o presente, num país diverso, complexo e em constante transformação, que me encanta na Geografia.

Quando morei pela primeira vez na França, por um ano e meio mais ou menos, entre 1994 e 1996, para fazer pós-doutorado, tomei consciência, por oposição, da peculiaridade brasileira, quiçá latino-americana, de constituição socioespacial marcada pelo predomínio das transformações sobre as permanências, visto que, na Europa, o peso do passado é maior. Olhar para este país sempre em mudança é um desafio, como se toda elaboração fosse absolutamente provisória, o que, aliás, sempre o é, mas, no nosso caso, por interregnos temporais muito menores.

O apreço pelo trabalho de campo (Fotos 4, 5, 6 e 7), por meio de viagens que sempre tenho que fazer por causa dos projetos de pesquisa que desenvolvi, coordenei ou dos quais participei, sob coordenação de outros colegas, tem me propiciado vivenciar parte dessas transformações, oferecendo alguns *insights*. Aliás, respondendo essa pergunta, dou-me conta de que escolhi temas de pesquisa, propus projetos e desenvolvi umas poucas ideias, mais estimulada por estes *insights* do que, inicialmente, por leituras. É evidente que observar mudanças nos leva à literatura que pode nos amparar a análise, mas o percurso tem sido, prevalentemente, do que vejo para os textos e não dos textos para olhar o país.

Penso que, no meu caminho de pesquisadora, há muitas persistências. Talvez elas sejam mais de perspectivas do que de temas. Do ponto de vista teórico-conceitual, me inscrevo em um grande campo que tem origem em enfoques críticos marxianos, mas não necessariamente marxistas, como já frisei.

No que se refere aos recortes geográficos de pesquisa, venho da análise dos espaços urbanos (mestrado) para a busca da relação entre estes e os espaços interurbanos, buscando articular estes planos, o que me foi exigido pelo fato de ter efetuado pesquisas sobre cidades médias, desde que me mudei para Presidente Prudente, vindo de São Paulo, o que foi evidente no doutorado, que versou sobre verticalização em algumas cidades médias, e na livre docência, que tratou das relações entre urbanização difusa, rede urbana e cidades no Estado de São Paulo.

Foto 4 – Trabalho de campo em Barcelona, sob coordenação de Horácio Capel, à esquerda, durante o evento da Geocrítica, em 2003



Foto 5 – Trabalho de campo da reunião da ReCiMe, na Universidad Nacional de San Juan, em 2006



Foto 6 – Trabalho de campo na região Centro-Oeste brasileira, com alunos da graduação, em 2013

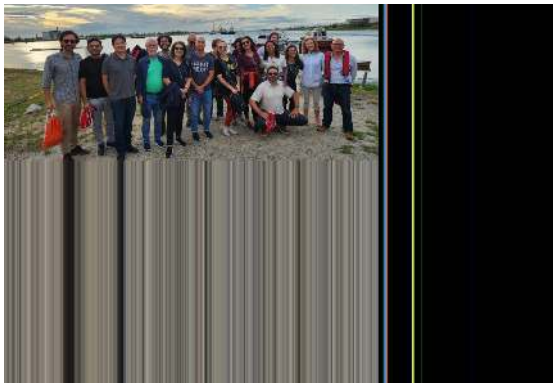


Foto 7 – Trabalho de campo da ReCiMe em Campos de Goytacazes, em 2023



Penso que, do ponto de vista do método, as permanências têm sido grandes, uma vez que permanece meu interesse em relacionar formas e processos, mesclar perspectivas qualitativas e quantitativas, valorizar a articulação entre escalas geográficas e, de modo mais amplo, trabalhar com o par espaço-tempo. Ademais, como forma de conduzir o pensamento, a comparação tem sido um fio importante para organizar as ideias, reconhecendo semelhanças e diferenças.

No tocante aos temas, aí sim, as mudanças foram grandes. Os objetos variaram no decorrer do tempo, desde a expansão territorial urbana, passando pela verticalização; buscando a compreensão das relações e distinções entre centro e centralidade, entre estruturação urbana e da cidade; reconhecendo na urbanização difusa um conceito potente para analisar o período atual; pelo estudo dos espaços residenciais fechados, efetuado junto com Eda Maria Góes; pelos esforços de delimitar melhor à luz da realidade brasileira o conceito de segregação socioespacial, articulando-o ao de autossegregação, antes abordado por Roberto Lobato Corrêa e Marcelo Lopes de Souza; e, atualmente, venho trabalhando em torno da ideia de fragmentação socioespacial, com ênfase no debate sobre periferia e condição periférica.

(KB): A sua contribuição para os estudos urbanos é uma das mais importantes no Brasil. Explique-nos o porquê dos estudos sobre urbanização e o porquê de focar na cidade e, em específico, nas cidades médias. Como vê o futuro das cidades médias?

(MEBS): Penso que a contribuição de cada uma de nós é sempre relativamente pequena, diante da complexidade do que se apresenta para nós no período atual. Ademais, sou fortemente adepta do trabalho coletivo em pesquisa, por isso não há a "minha contribuição", mas um trabalho em equipe entre os quais sempre estamos todos aprendendo, dialogicamente, confluindo ou em constante tensão entre ideias que nem sempre são as mesmas.

Ter nascido e crescido em São Paulo, sem dúvida, ajuda a explicar minha sensibilidade para os estudos urbanos. No entanto, isso é apenas uma parte da possível explicação, afinal, poderia ter me interessado pela Climatologia Urbana, ou pela Geografia Cultural, ou...

Penso que a explicação é mais decorrente de ter feito, na graduação, a disciplina Geografia Urbana, com Armen Mamigonian, e ter começado, então, a buscar sentido no meu próprio percurso de vida. Cresci no bairro Planalto Paulista, e meus pais, locatários de imóveis, mudaram várias vezes de casa, sempre em busca da melhor relação custo x benefício, num período de crescimento dos preços de aluguéis. Cada mudança possibilitava uma nova perspectiva para mim – de ruas sem asfalto para ruas asfaltadas, de endereços distantes do transporte coletivo para outros mais próximos, de casas que eram perto das escolas para outras mais distantes, da frequência da biblioteca da escola para chegar à Mário de Andrade, de jogar queimada no final da tarde na rua para os passeios no Ibirapuera e as domingueiras dançantes no Clube Ypê ou no Clube Círculo Militar.

Naquele tempo, como filha mais velha de uma família que já era composta por quatro filhos e, depois, chegaria a cinco, eu tinha que me movimentar sozinha na cidade, primeiro aprendendo a ir de bonde para a escola localizada no bairro Saúde, depois de ônibus para a escola estadual, ou para a biblioteca, ou para o dentista, que ficava no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Visitas aos domingos ao Jardim Zoológico, aos bairros Vila Guarany e Vila Maria para almoçar nas casas das tias queridas, às amigas do colégio que moravam em Santo Amaro ou Vila Nova Conceição, para onde ia sempre para fazer os trabalhos de grupo ou para as festinhas de final de dia.

Foram muitas experiências diferentes, sempre ampliando a escala de vivência na cidade, para depois, aos 16 anos, mudar com minha família para Presidente Prudente. A volta para São Paulo, depois de formada e já casada, para trabalhar em escolas públicas da favela de Heliópolis e da Zona Leste (Quarta Parada) e em escola particular católica do Belenzinho, propiciou novos olhares para a metrópole. Paralelamente, ir e vir de São Paulo para Rio Claro, visando cursar o mestrado, me ofereceu outros olhares para o mundo urbano, vivenciando, neste período, em parte da semana, a vida cotidiana numa cidade mais conservadora.

Enfim, há 43 anos como docente da Unesp, vivendo em Presidente Prudente, com pequenos intervalos em experiências no exterior, penso que justifica meu interesse pelo

urbano a chance de tentar mostrar que estudar cidades médias não tem como finalidade tratar daquelas que estão, na hierarquia, abaixo das metrópoles e acima das pequenas, nem tampouco reduzir o olhar ao tamanho demográfico delas, mas procurar desvendar como a divisão social e econômica do espaço, na escala urbana e interurbana, estabelece-se segundo clivagens que são múltiplas, alterando não apenas a dimensão e o tamanho dos fenômenos e processos, mas a qualidade deles quando observamos as particularidades das cidades médias e das formações socioespaciais em que se inserem, bem como as singularidades de cada uma delas.

Com o aprofundamento da razão neoliberal, nos termos propostos por Dardot e Laval, incluindo, portanto, a subjetivação como fio condutor das mudanças econômicas, políticas e sociais, não vejo um bom futuro próximo para as cidades médias (talvez, nem para as outras), porque observo que tanto os processos de concentração e centralização econômicas das atividades comerciais e de serviços como o papel crescente da publicidade e da circulação da informação ampliam as relações de dependência interurbana e diminuem os papéis políticos, no sentido amplo, das cidades que não estão no comando. Cada vez mais, elas perdem, enquanto outras, não apenas no Brasil, mas no mundo, ganham em poder de decisão, o que não quer dizer que esse poder esteja bem distribuído entre todas as classes sociais.

De outro lado, para fazer valer minha personalidade otimista, vejo, pela pesquisa na qual estou trabalhando – *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira* – que compreende o estudo de oito cidades médias brasileiras e de dois distritos da região metropolitana de São Paulo, que as mudanças em curso nas periferias mostram transformações que estão ocorrendo e que novas identidades e práticas espaciais estão em constituição. Se a estrutura espacial centro-periférica está sendo sobreposta pela fragmentária, a condição periférica dos mais pobres leva, geração após geração, a se construir espacialmente e a se posicionar politicamente, o que significa, de algum modo, uma possibilidade, que não sabemos se poderá se consubstanciar, de uma nova cidade e de uma nova urbanização. A construção do que vem sendo conceituado como “sujeitos periféricos” indica uma dessas possibilidades, que apontam para mudanças importantes, capazes de reverter estigmas territoriais e de se realizar uma luta para que haja maior justiça espacial.

(KB): Em sua opinião, quais são as principais contribuições da Geografia Urbana? Qual o papel social dessa área do conhecimento geográfico? Há, na Geografia Urbana, novas tendências com potenciais críticos e de resistência ou transformação diante do cenário de crise urbana, financeira e da democracia?

(MEBS): A contribuição da Geografia Urbana é ampla no período atual, a meu ver, por três razões ao menos:

- a reflexão vem se adensando progressivamente, dada a importância desse campo no Brasil e a qualidade da discussão teórico-conceitual que uma parte dos pesquisadores de ponta vem nos propiciando;

- a ampliação da pós-graduação no Brasil, ocorrida nas últimas duas décadas, mas já iniciada há três pelo menos, ampliou a área objeto de reflexão nas pesquisas realizadas, antes muito concentradas na faixa leste do país, possibilitando olhares sobre o Brasil profundo, a partir da perspectiva oeste ou das menores para as maiores cidades, o que obriga o reposicionamento dos pesquisadores da área, quer queiramos ou não;
- a interdisciplinaridade que o urbano requer e que praticamos dialogando com arquitetos, urbanistas, sociólogos, demógrafos, antropólogos etc., seja na Anpur, seja no debate bibliográfico, é ponte para uma qualificação da leitura que realizamos.

Não há dúvida, para mim e penso que para muitos outros, de que a contribuição da Geografia Urbana contemporânea é relevante, o que não significa que outros desafios não se interponham em nosso percurso, entre os quais cito os que me sensibilizam mais:

- a necessidade de ampliar o diálogo e, mais do que isso, de realizar pesquisas conjuntas com os colegas da Geografia Agrária e da Geografia Ambiental, iniciativas que ainda não são tendência, em que pesem as honrosas exceções;
- a necessidade de superar as gavetas em que nos encontramos e os rótulos que nossa representação institucional e de ciência constrói (os que estudam metrópoles e os das cidades médias e pequenas; os das grandes narrativas e os das microterritorialidades; os das grandes universidades e os "outros"; os que representam maiorias e as minorias que lutam para ter voz);
- a necessidade de, a partir da ideia de que não há ciência neutra e de que, como pesquisadores, somos também sujeitos políticos, distinguir, na produção do nosso conhecimento, o mundo das ideias, onde a crítica tem que comandar o pensamento e o mundo da ação política, em que a crítica tem que ser seletiva e direcionada a quem está no poder econômico e político.

(KB): Em sua trajetória, há um conjunto de pesquisas coletivas e em rede, que contam com a participação de pesquisadores de diferentes níveis de formação e pertencentes a várias universidades no Brasil e no exterior. Fale-nos dessas experiências e dos desafios de trabalhar com grandes equipes.

(MEBS): Minhas pesquisas coletivas tiveram início em 2006, quando das primeiras reuniões para se criar a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), ainda que desde a criação do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), em Presidente Prudente, eu já estivesse capturada pela ideia de trabalho em equipe.

Na ReCiMe (Foto 8), realizamos alguns projetos financiados pelo CNPq e pela Capes, e isso nos possibilitou a publicação de uma série de livros, capítulos e artigos. Nesse período, trabalhei de modo estreito na coordenação da rede com Beatriz Ribeiro Soares (UFU) e na condução dessas pesquisas com Denise Elias (Uece), Doralice Sátyro Maia (UFPB) e Maria José Martinelli Silva Calixto (UFGD). Quatro personalidades diferentes e

quatro mulheres que respeito, por terem assumido esses grandes projetos, que incluíam pesquisadores de uma dezena de universidades brasileiras, mais os parceiros chilenos e argentinos, entre os quais destaco Diana Lan, Cristian Henriquez e Federico Arenas. As pesquisas da ReCiMe continuaram e têm seus rumos redefinidos, o que é sinal de mudança, desde que a rede está sob coordenação de meus amigos William Ribeiro da Silva e Doralice Sátyro Maia. Eu continuo a participar da equipe e a comparecer a todos os *workshops* (Foto 9), nos quais aprendo demais.

Foto 8 – Inauguração do prédio da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), na Unesp, campus de Presidente Prudente, em 2011



Foto 9 – III Simpósio Internacional sobre Cidade Médias (Cimdepe), realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2015



A partir de 2011, estive trabalhando mais diretamente com uma equipe menor que o conjunto da ReCiMe, mas com muitos pesquisadores que são também desta rede. Refiro-me ao GAsPERR, criado pelo Eliseu Savério Sposito em 1993 (estamos fazendo 30 anos em dezembro), coordenado mais tarde por Arthur Magon Whitacker e, hoje, por Everaldo Santos Melazzo.

Destaco, especialmente, duas pesquisas realizadas uma na sequência da outra, ambas financiadas pela Fapesp, na categoria projeto temático. A primeira teve como tema “Cidades médias e consumo: lógicas econômicas e práticas espaciais”. No total, cerca de oitenta pessoas trabalharam nesse projeto, desde a iniciação científica, passando pelo mestrado, doutorado e pós-doutorado, além, é claro, dos pesquisadores que já são docentes universitários. Aprendi muito neste período, com certeza mais do que ensinei. A segunda intitula-se “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” *(FragUrb)* (Foto 10), à qual se vinculam mais de uma centena de pesquisadores, desde os que estão em formação em vários níveis, quase todos bolsistas e pesquisadores de várias universidades brasileiras (Unesp, UFABC, UFSCar, UFF, UECE, UFGD, UNIFESSPA, UFFS). Esta pesquisa está também associada a uma rede internacional, financiada pelo Programa PrInt da Capes, que reúne pesquisadores do México, Espanha, Inglaterra, França e Alemanha.

Efetivamente, trabalhar com grandes equipes é um desafio. Algumas vezes, cheguei a pensar que utilizei mais meu tempo na organização da pesquisa do que na reflexão

que ela propiciava. No entanto, depois pondero que é muito aprendizado pelo fato de que as ideias são colocadas em debate, as convergências e divergências vão estimulando nosso pensamento e se chega a perspectivas mais amplas do que aquelas a que chegaríamos sozinhos. É evidente também que isso tem bastante a ver com minha personalidade e meu gosto por interagir com outras pessoas. Dificilmente eu teria sido uma pesquisadora solitária, focada em estudar e escrever quietinha no meu gabinete de trabalho.

Foto 10 – Primeira reunião da equipe do projeto temático *Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira (FragUrb)*, no prédio da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), no *campus* da Unesp de Presidente Prudente, em 2019



(KB): Conte-nos também sobre as suas experiências no exterior.

(MEBS): No que se refere às minhas experiências no exterior, chego à conclusão que foram muito importantes no meu caminho. Destaco algumas delas, pela natureza diferente que as caracteriza, mas sem dúvida o que conta aqui é o "conjunto da obra" (Fotos 11, 12, 13, 14).

A primeira experiência pós-doutoral, no Centre de Recherche sur l'Industrie et l'Amenagement (Cria), na Universidade de Paris I, Sorbonne, com apoio do CNPq, foi muito especial. Ocorreu na década de 1990, ainda quando a internet não existia nos termos que a conhecemos hoje, razão pela qual frequentar fisicamente bibliotecas com grandes acervos era um privilégio. As dificuldades de acesso a informações, então, exigiram iniciativas para uma empreitada de um ano e pouco, com a família fora do país, as quais já foram, em si, um aprendizado. Viver numa grande metrópole europeia, conhecer alguns países da Europa durante as férias e, sobretudo, conviver no Cria, com Jacques Malezieux e André Fischer, bem como estreitar relações com pesquisadores brasileiros que estavam no mesmo período em Paris – Pedro de Almeida Vasconcelos, Marcio Antonio e Leny Teixeira, Maurício de Abreu, Milton Santos, Vanda Claudino Sales e Marcio Piñon, entre outros – foram um "presente dos céus" e, sempre, em nossa família, referimo-nos a este período como um dos melhores em nossas vidas.

Voltamos a Paris, Eliseu e eu, para novos períodos de estudos e pesquisas, em 2009 e em 2022. Neste estágio de pesquisa mais recente, estivemos no Centre d'Études em Sciences Sociales sur les Mondes Africains, Américains et Asiatiques (CESSMA), na Universidade de Paris Cité, onde estive com financiamento do Institut de Recherche pour le Développment (IRD), quando convivi no laboratório de pesquisa, em debates, em adoráveis encontros para comer e beber alguma coisa ou em viagens com Eliseu Savério Sposito (o querido companheiro de sempre e de tudo) (Foto 13), com Catherine Chatel, Igor Catalão, François Moriconi, Sylvie Fanchette, Elisabeth Dorier e outros. Foi rica, também, a oportunidade de reencontrar e trocar ideias com Paul Claval, Jacques Malezieux, Hervé Théry e outros amigos da Geografia francesa.

Foto 11 – Los Caracoles, Chile, no Encuentro de Geógrafos de América Latina (EGAL), em 2001. Da direita para a esquerda: Maria Encarnação Sposito, em pé, com Eliseu Sposito, agachado à sua frente, e outros



Foto 12 – Almoço após mesa-redonda na Universidade de Turim, em 2006, reunindo Claude Raffestin, à esquerda, Giuseppe Dematteis, à direita, e outros conhecidos



Foto 13 – Trabalho de campo em Montserrat, na Espanha, durante estágio na Universidad de Lleida, projeto internacional apoiado pela Capes, em 2013



Foto 14 – Trabalho de campo no Seminário O futuro desejado, na Universidade do Porto, com os geógrafos Rui Jacinto e Isabel Boura, em 2016



Foi singular a experiência na Universidade de Coimbra quando, com apoio da Capes, usufruí da maravilhosa acolhida de Rui Jacinto e Isabel Boura (Foto 14), bem como de outros amigos desta instituição, e tive a oportunidade de conhecer e conviver

com o grande geógrafo português Jorge Gaspar. Desta estadia, onde moramos Eliseu, eu, João Lima Sant'Anna Neto e Eda Maria Góes, na singela aldeia Vila Verde, tive a oportunidade (silêncio e tempo) para avançar muito na redação do livro *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*, escrito com Eda, a partir de pesquisa que já havíamos concluído um pouco antes, o qual foi, após sua publicação pela Editora da Unesp, premiado na Anpur, o que muito nos deixou contentes, pela deferência e pelo prêmio chamar-se Ana Clara Torres Ribeiro (Figura 1).

Igualmente, marcaram minha formação de pesquisadora os dois períodos de estágio, também apoiados pela Capes, na Universidade de Lleída, na Espanha, com Carmen Bellet e Josep Maria Llopp, em função desta universidade sediar a Cátedra Unesco Ciudades Intermedias, Urbanización y Desarrollo. Este convívio permanece frutífero, intelectual e pessoalmente, até hoje, pois sempre estamos juntos nos encontros da ReCiMe.

Além desses estágios, que duraram de poucos a vários meses, as relações com a Universidade do Porto, especialmente com José Alberto Rio Fernandes, foram sempre ricas em experiências e aprendizados e geraram três livros organizados em conjunto (Figura 3). As parcerias com colegas deste país (Teresa Barata Ribeiro, Herculano Cachinho), da Espanha (Carles Carreras e vários de seu grupo), da Itália, do México e da Argentina (com carinho especial, Maria Laura Silveira) no grupo "Cidade, Comércio e Consumo", têm gerado grandes aprendizados ao lado dos brasileiros que também se dedicam ao tema.

Figura 3 – Alguns livros publicados, por intermédio de projetos e parceiras no exterior, por Maria Encarnação Beltrão Sposito, como autora e/ou organizadora



Enfim, para sintetizar, as oportunidades internacionais alargam nossos horizontes, não apenas por causa da ampliação escalar que elas possibilitam, mas principalmente por nos submeterem à tensão positiva que o cotejo das ideias e dos pontos de vista ensejam, quando nos relacionamos com temas e modos de fazer pesquisa e de raciocinar que não são exatamente os nossos.

As viagens pessoais, que para dois geógrafos, como Eliseu e eu, nunca são apenas de passeio, compõem esse mosaico plural de oportunidades de ver o mundo de vários pontos de vista.

(KB): Para finalizar, fale-nos sobre o *Prêmio Mulheres Pesquisadoras da Unesp*, recebido em 2022, e sobre o convite, em 2023, para compor uma das cadeiras da *Academia das Ciências de Lisboa*, em Portugal, que fazem referência a sua relevante atuação acadêmica e contribuição à pesquisa na Geografia.

(MEBS): Quando a idade começa a avançar, começamos a ser homenageados. Há um certo reconhecimento do que fazemos, mas há também generosidade da parte dos que propõem nosso nome.

No ano de 2022, a Unesp pela primeira vez outorgou esse prêmio, considerando as áreas do conhecimento do CNPq. Fiquei feliz pelo meu departamento, na pessoa do meu colega Eduardo Girardi, que preparou a candidatura, propor meu nome para o campo das Ciências Humanas – nível pesquisadora sênior (não afirmei que a idade avança?) – e de eu ter sido escolhida pelas Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-graduação da Unesp.

Na ocasião, frisei o que repito agora: em parte, é um reconhecimento da minha trajetória, mas é também o reconhecimento da Geografia de Presidente Prudente. Eu não teria alcançado o prêmio se não fossem justamente os trabalhos em equipe. Destaco o papel do GAsPERR, que é sediado na Unesp, do meu Departamento e do Programa de Pós-Graduação e, igualmente, da ReCiMe.

Por outro lado, fazendo um balanço a partir de um período mais extenso, concluo que não poderia ter percorrido o caminho que trilhei não fosse ter nascido na família em que nasci, caracterizada por elementos de duas culturas sociais muito diferentes – os Beltrão, herdeiros, em seus imaginários, de certa posição social e política que já não têm mais, e os Vasquez, cujo 'espírito' imigrante convida sempre ao trabalho. Meus pais, Ernesto e Zoila, souberam pesar e relacionar bem esses dois lados e constituímos uma irmandade, que favoreceu a construção de cada um de nós, com muito respeito mútuo. Somos três filhos homens – Maurício, Ricardo e Marcos – e duas filhas mulheres – Leila e eu, que sou a mais velha. Penso que pertencer a uma família em que a união e a ideia de dividir os bônus e os ônus prevalecem ajuda muito uma pessoa a contribuir um pouquinho que seja com o mundo que a cerca. Procuramos, Eliseu e eu, de algum modo levar parte dessa experiência aos nossos filhos, Caio e Ítalo, que refazem a vida com suas companheiras, Fabiana e Maria Amélia, criando uma nova geração – nossos queridos netos, Otto, Theo e Joana.

Retomando o foco na pergunta feita, sobre a Academia Real de Ciências de Lisboa, tenho a contar que foi uma surpresa, tanto ter sido indicada pelos geógrafos portugueses que dela faziam parte, como ter sido eleita, em março de 2023. A posse ocorreu, oficialmente, em julho e de modo híbrido, porque há tanto os que frequentam as reuniões presencialmente, como os que delas participam remotamente, por estarem em outros países. Tenho acompanhado as reuniões desde abril, uma vez por semana, e ainda estou tateando para me posicionar. É evidente que me sinto honrada, mas ainda não tenho muita clareza sobre o papel que poderia ou poderei exercer nos debates que ocorrem nessa instituição secular. De todo modo, imagino que aprenderei com o tempo, se for boa observadora, qualidade que se espera de uma pesquisadora que, como eu, é agraciada com a oportunidade de ser entrevistada por Kelly Bessa, da Universidade Federal de Tocantins, e de falar umas e outras coisinhas para os leitores da *Revista da Anpege*.

SOBRE AS AUTORAS

Entrevistada:

MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO – Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Presidente Prudente) (1977), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Rio Claro) (1984) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1991). Realizou pós-doutoramento na Université de Paris I - Sorbonne. Desenvolveu atividades acadêmico-científicas junto a diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É membro do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Atualmente, coordena o projeto temático intitulado "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmo, formas e conteúdos" (FragUrb), financiado pela FAPESP, que abrange uma equipe de mais de 30 pesquisadores doutores. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, segregação e autossegregação socioespacial, fragmentação socioespacial, cidades médias. Realizou estágios de pesquisa nas Universidades de Lleida, Coimbra e Paris-Cité. Foi presidente da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Unesp e membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat). Realizou estágio de pesquisa na Université de Paris Cité, com financiamento do Institut de Recherche et Dévélopment (IRD). É membro da Academia Real de Ciências de Lisboa.

Entrevistadora:

KELLY BESSA – Possui graduação em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (1996), Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2001) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins nos Cursos de Geografia (Bacharelado e Licenciatura), no Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado), campus de Porto Nacional, e participação no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente (Mestrado e Doutorado), campus de Palmas. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, Geografia Regional e Planejamento Urbano-Regional.

E-mail: kellybessa@uft.edu.br